



## **A constituição de efeitos de sentidos no discurso sobre sexo: a pergunta que permanece**

Caciane Souza de Medeiros

**Resumo:** Este artigo propõe-se a refletir sobre a produção de efeitos de sentidos constituídos pela mídia impressa. Determinamos como propósito descrever e interpretar o processo de leitura da coluna Sexo e Saúde do jornal diário Folha de S. Paulo, no Caderno Folhateen, como constitutiva da produção de sentidos de nosso objeto de estudo. Entendemos que as maneiras de formular questões sobre sexualidade na coluna estudada definem marcas que são visíveis nos seus aspectos ideológicos e na produção de condições pelas quais a perspectiva do sexo é registrada.

**Palavras-chave:** Efeitos - Sentido discursivo - Imprensa

**Abstract:** This article has the purpose of reflecting upon the production of effects of senses constituted in a printed media reading environment. In that way, we determined ourselves to describe and to interpret the reading process in the Sex and Health column from Folha de São Paulo, Folhateen section, as part of the constitution of senses starting from the formulation of that reading object. We understand that the manners of formulating questions about sexuality in the SH column bring marks that allow us to give visibility to the ideological aspects and production conditions in which sayings concerning sex are registered.

**Key words:** Effects - Sense discourse - Press

**Resumen:** Este artículo se propone a reflexionar sobre la producción de efectos de sentidos constituídos por la prensa. Determinamos como propósito el describir y el interpretar el proceso de lectura de la columna "Sexo e Saúde" del diário Folha de S. Paulo, en su encarte "Folhateen", en tanto que constitutiva de la producción de sentidos de nuestro objeto de estudio. Entendemos que las maneras de formular cuestiones sobre sexualidad en la columna estudiada definen marcas que son visibles en sus aspectos ideológicos y en la producción de condiciones por las cuales la perspectiva del sexo es registrada.

**Palabras clave:** Efectos - Sentido discursivo - Prensa

## Introdução

A partir da concepção de que estamos sujeitos à língua (nos constituímos nela) e ao entender essa sujeição como caráter reflexivo de pesquisa, esta dissertação apresenta-se em uma orientação fundamentada em princípios referidos em uma teoria sobre o discurso. Princípios que indicam, segundo Eni Orlandi (1999), a compreensão da língua fazendo sentido, trabalhando com o simbólico, o social, o ideológico, o que é constitutivo do sujeito e da sua história.

A concepção de discurso como efeito de sentidos é, também, o princípio essencial que orienta a composição do objeto deste artigo, que tem como tema: a constituição de efeitos de sentido, no processo de leitura, na materialidade da coluna Sexo e Saúde (S.S.) do Folheteen do jornal Folha de S. Paulo.<sup>1</sup>

Nossa escolha temática caracteriza uma posição de estudo que abarca duas instâncias principais: a leitura e os efeitos de sentidos produzidos a partir de um discurso veiculado em um objeto de mídia. A leitura está sendo considerada, aqui, como “atribuição de sentidos” (ORLANDI, 1993, p. 7). Essa atribuição está inserida em um processo que envolve a produção do objeto de leitura (formulação), em sua materialidade textual, constituindo os objetos de leitura.

Devido à compreensão de que a língua funciona ideologicamente e produz sentidos, a procura por marcas textuais na coluna S.S.<sup>2</sup> desenvolve-se em abertura para o simbólico – já que busca as regularidades e as falhas que compõem o discurso –, não em uma leitura meramente textual. Essa abertura permite relacionar, através do dito, o não-dito. É dessa relação que os sentidos deslizam e constituem efeitos na prática de leitura. Orlandi explicita essa relação, afirmando:

O princípio dessas práticas de leitura consistiria em levar em conta a relação do que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando “escutar”<sup>3</sup> a presença do não-dito no que é dito: presença produzida por uma ausência necessária (ORLANDI, 2001, p. 60).<sup>3</sup>

Trabalhamos com os sentidos, em sua constituição, tendo como ponto de partida uma materialidade textual (as 23 edições da coluna Sexo e Saúde do Jornal Folha de S. Paulo, correspondentes aos meses de maio a outubro de 2002) que é analisada por nós levando em consideração, de acordo com Pêcheux (1995), o jogo das imagens e da correlação de forças presentes na formação social que inclui essa materialidade.

<sup>1</sup> Este artigo é fruto da dissertação desenvolvida no Laboratório Corpus de Pesquisa, dentro do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr Amanda Eloina Scherer no período correspondente aos anos de 2002 a 2004.

<sup>2</sup> Esta abreviatura será utilizada no decorrer do artigo como forma de facilitar a leitura.

<sup>3</sup> Aspas – pontuação - do autor.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. A incompletude do sujeito. E quando o outro somos nós? In: *Sujeito e texto*. São Paulo: Educ, 1988. p. 9-16.

\_\_\_\_\_. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

GUIMARÃES, Eduardo. & ORLANDI, Eni. Unidade e Dispersão: uma Questão do Texto e Sujeito. In: *Sujeito e texto*, p. 17 - 35. São Paulo: Educ, 1988.

A compreensão da produção e do modo de interpretação desses textos da coluna S.S refere que a estamos analisando, em sua materialidade e em seus mecanismos de funcionamento. Tal análise é resultante do conhecimento de que, para significar, a língua tem de se inscrever na história.

Nossa análise arredonda-se em uma esfera que entende o espaço de produção de objetos de leitura, nesse caso a mídia, como lugar ideológico de representação dos padrões sociais sobre o sexo. Dessa forma, entendemos que a produção de efeitos de sentidos está relacionada a uma formulação da sexualidade regida por dizeres e sentidos já postos.

No caminho pela procura de efeitos, a partir da coluna S.S, estamos imbuídos em “compreender como e por que aquele sentido ‘colou’ e os demais não, isto é, determinar as condições que foram necessárias para ele fazer sentido na história daquela formação ou grupo social” (MARIANI, 1997, p. 2).<sup>4</sup> Nessa perspectiva trabalhamos em nosso corpus de estudo e desenvolvemos nossa análise.

### A pergunta que não cala

Um dia alguém teve a idéia bastante curiosa de utilizar um certo número de propriedades rítmicas ou musicais da linguagem para falar, para impor uma certa relação de poder sobre os outros. (FOUCAULT)<sup>5</sup>

Ao propormos uma investigação, por intermédio das marcas da formulação, de como podem estar constituídos os efeitos de leitura (efeito-leitor), dentro de um espaço discursivo de mídia impressa, localizamos nosso estudo em uma orientação teórica discursiva.

Mais precisamente, nossa escolha teórica está fundada no fato de a Análise de Discurso fundamentar-se na formulação conceitual de discurso como objeto próprio de sua análise.

Visto que é tido como efeito de sentidos entre locutores (PÊCHEUX, 1997)<sup>6</sup> – e não como transmissão de informação, o discurso representa, em sua materialidade simbólica, o lugar em que língua, história e ideologia mantêm relação. Isto quer dizer que, longe de cumprir apenas a função de transmissão de informações, o complexo processo de significação da linguagem exhibe, principalmente, uma prática constitutiva de cunho social. De acordo com Scherer (1999), a linguagem é um campo em que o social e o cultural estão incluídos. Nas palavras da autora:

Mais que um reflexo da realidade cultural, a linguagem é condição constitutiva de sua possibilidade, quer dizer, é

<sup>4</sup> MARIANI, Bethania. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico – A Revolução de 30. In: INDURSKY, Freda. (Org). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999. p. 102-121.

\_\_\_\_\_. Discurso e Memória. In: Boletim da ABRALIN. Edição 21. Jun. 1997. Disponível em: [http://sw.npd.ufc.br/abralin/boletim21\\_tema32.html](http://sw.npd.ufc.br/abralin/boletim21_tema32.html). Acesso em: 25 ago. 2003.

<sup>5</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2001.

<sup>6</sup> PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. *O discurso. Estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.

<sup>7</sup> SCHERER, Amanda. Um ensaio sobre o aprender e o ensinar na problemática da transferência do conhecimento. *Coleção Ensaios*. nº 2. 1999. p. 189-199.

no discurso que um grupo constrói a formulação de sua unidade e a imagem de sua identidade pela diferenciação com os outros grupos (SCHERER, 1999, p. 193).<sup>7</sup>

Pensando a coluna S.S do Folhateen do Jornal Folha de S. Paulo (nosso objeto de leitura), discursivamente (ORLANDI, 2001), percebemos a relação presente, na constituição do discurso, entre os sujeitos (nesse caso, o produtor e o leitor do texto) e os sentidos. Essa relação não só é constitutiva da produção de todo objeto de leitura (independentemente de sua utilização ou destino) como, segundo Orlandi (2001), afeta o sujeito-leitor:

O sujeito se submete à língua(gem) – mergulhado em sua experiência e mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar(se) – em um gesto, um movimento sócio-historicamente situado em que reflete sua interpelação pela ideologia (ORLANDI, 2001, p. 103).

Há, portanto, uma produção de efeitos de sentido que não se fecha ao domínio de quem produz; o texto liberta-se da intenção de quem escreve para ganhar sentidos que se estabilizam (estão em movimento) de acordo com a leitura de cada sujeito-leitor (ORLANDI, 2001).

O que está em jogo na produção e na realização da leitura é, portanto, a formulação – a posição, formação (ideológica e social), em que o produtor está inserido; a conjuntura (condições de produção) em que o texto é produzido (sua historicidade) e o sujeito-leitor.

Estamos em uma concepção que prova a inexistência de uma verdade única (de um significado único e oculto) e dá lugar, então, a um jogo de perspectivas que dependerão dos lugares sociais ocupados por diferentes sujeitos, por diferentes dizeres. Dito de outra forma, as palavras ganham novos sentidos de acordo com as posições sustentadas por aqueles que as utilizam. O sentido pode ser sempre outro, embora nunca seja qualquer um.

A articulação do sentido no discurso é constituída pela formação discursiva do sujeito, ou seja, os dizeres de um sujeito são determinados pela formação discursiva em que ele está inscrito. Essa determinação está amparada no conceito de formação discursiva (FD) que foi formulado por Foucault (2000) como um dos conceitos que fazem parte de um estudo da arqueologia do saber, de como um estudo histórico é dependente não só do saber instituído socialmente, mas também da busca (arqueológica) dos lugares dos sujeitos e de seu discurso.

Na concepção de Foucault (2000), o discurso constitui-se em um conjunto de enunciados que se amparam em uma

mesma formação discursiva. O autor entende a FD como determinante no processo de produção de significação já que ela é estabelecida a partir de determinadas regularidades, como as de ordem, correlação, funcionamento e transformação. Foucault (2000) afirma que:

[...] entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (FOUCAULT, 2000, p. 43)

Pêcheux (1995) toma esta noção de formação discursiva incluindo outro aspecto: o da ideologia. O autor, desse modo, define a formação discursiva como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, delimitada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1995, p.160). Além disso, o autor declara que o próprio de toda formação discursiva é dissimular, através da transparência do sentido que nela se fixa, a objetividade material do discurso. Pêcheux (1995) trabalha com a formação discursiva, em relação à ideologia, no que diz respeito às evidências de sentido. Segundo o analista:

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, 1995, p.160)

Entendemos que o que diferencia as FDs umas das outras é a forma como elas se relacionam com a formação ideológica.

Percebemos, na perspectiva de Pêcheux (1995), que há uma relação entre o sentido e a FD. Isto é, o sentido está ligado à formação discursiva, à medida que ela atribui determinado sentido.

Já que o sentido não existe por si só, reafirmamos o pensamento de que não há sentido sem interpretação. No momento da interpretação, o sentido aparece como evidente, como se já estivesse lá, sempre posto. Orlandi (1996) afirma que é como se houvesse uma imposição à interpretação. Essa interpretação se dá em diferentes momentos e por diferentes gestos, uma vez que:

diante de qualquer objeto simbólico “x” somos instados

a interpretar o que o “x” quer dizer? Nesse movimento da interpretação, aparece-nos como conteúdo já lá, como evidência, o sentido desse “x”. Ao se dizer, se interpreta – e interpretação tem sua espessura, sua materialidade – mas nega-se, no entanto, a interpretação e suas condições no momento mesmo em que ela se dá e se tem a impressão do sentido que se “reconhece”, já lá. (ORLANDI, 1996, p. 30)

Pêcheux observa que, no momento da constituição do sentido, o funcionamento da ideologia se dá “como interpelação dos indivíduos em sujeitos” (PÊCHEUX, 1995, p. 162). Isso se efetua pelo processo de identificação do sujeito com a formação discursiva que o constitui e que dá origem à imaginária unidade do sujeito. Estamos explicitando a relação entre ideologia e identificações do sujeito, ou seja,

podemos agora precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele está constituído como sujeito). (PÊCHEUX, 1995, p. 163)

Salientamos, então, o caráter ideológico como determinante na formação do discurso e do sujeito. Assim, longe de ser um conjunto de representações, visão de mundo ou ocultação da realidade, a ideologia será função da relação necessária entre linguagem e mundo. É também por essa relação do sujeito com a linguagem e com a história, produzindo sentido, que compreendemos a conclusão de Pêcheux (1995): “não há discurso sem sujeito nem sujeitos sem ideologia”. Dessa forma, estamos considerando o processo de leitura e a constituição do efeito-leitor na coluna S.S do Folhateen: na materialidade do que é formulado – transformado em objeto de leitura - e ideologicamente determinado.

Na teoria de Pêcheux (1995), a ideologia está engajada ao excesso e não à falta. Em outras palavras:

A ideologia representa a saturação, o efeito de completude que, por sua vez, produz o efeito de ‘evidência’, sustentando-se sobre o já dito, os sentidos institucionalizados, admitidos por todos como ‘natural’. (ORLANDI, 1997, p. 100)

Uma vez que produz o dizer e atribui sentido, a interpelação, concebida na esfera do inconsciente, é encoberta no interior do seu próprio funcionamento. Essa dissimulação ajuda a promover a construção dos dois efeitos ideológicos de evidência – a evidência dos sujeitos e a dos sentidos. “A evidência do sujeito – a de que somos sempre já sujeitos – apaga o fato de que o in-

divíduo é interpelado em sujeito pela ideologia” (ORLANDI, 1999, p. 46). Essa evidência se dá pelo que Pêcheux (1995) chama de esquecimento nº 1. Vale dizer, o sujeito acredita ser a fonte do sentido, a origem de determinado dizer, não tendo plena consciência da existência de um discurso socialmente preexistente por traz da aparência da liberdade de dizer de um indivíduo. Esse esquecimento é uma característica que identifica o sujeito como dotado de inconsciente (ORLANDI, 1988).

Já a evidência dos sentidos se manifesta pelo esquecimento nº 2 (PÊCHEUX, 1995). Este proporciona o apagamento do gesto de interpretação:

Há uma seleção feita pelo falante, em relação aos processos de produção de uma língua determinada, em que ele vai delimitando o que diz e, conseqüentemente, excluindo o que seria possível dizer naquela mesma situação. (ORLANDI, 1988, p. 10)

Convém notar que o sujeito, na perspectiva de Pêcheux, é duplamente afetado: em seu funcionamento individualizado, pelo inconsciente e, em seu funcionamento social, pela ideologia (INDURSKY, 1998).<sup>8</sup>

A condição de incompletude da linguagem está ligada não só à ideologia que interpela os sujeitos, mas também à necessidade histórica das diferentes formações discursivas (em movimento), como parte do processo de produção de sentidos.

Nem sujeitos nem sentidos estão completos, constituídos em definitivo. Eles estão em movimento e esse movimento não é aleatório nem programado, já que depende da história e da ideologia, que estão envolvidas neste processo. Estamos referindo que “é porque a língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito ao significar, se significa” (ORLANDI, 1999, p. 37).

Para nosso trabalho de dissertação, esse pressuposto sobre a relação autor/texto e sujeito/discurso faz-se necessário como característica de que o texto, em sua materialidade, passa a ter sentido não só pelo que o autor tencionou produzir (o processo de formulação), mas também pelos efeitos que, a partir da textualidade, são constituídos. Nosso estudo não está preso às formas textuais materializadas na coluna, porque, para pensar a questão do efeito-leitor, precisamos extrapolar o limite do texto, precisamos fazer uma leitura discursiva. Os efeitos de sentido, no espaço em que trabalhamos - no processo de leitura -, só podem ser pensados na relação entre os sujeitos e a história.

A partir da idéia de que o texto é uma unidade de análise

<sup>8</sup> INDURSKY, Freda. O sujeito e as Feridas Narcísicas dos lingüistas, *Revista Gragoatá*, nº 5, 1998, p. 111-120.

SERRANI, Silvana. *A linguagem na pesquisa sociocultural: um estudo da repetição na discursividade*. Campinas, SP: Unicamp, 1993.

(ORLANDI, 2001), um exemplar de discurso (MARIANI, 1999), uma produção que se efetiva através de um sujeito (com sua história, inconsciente e formação discursiva), ideologicamente interpelado, ele é, por formação e em sua historicidade, heterogêneo. Tal afirmação quer dizer que “os sentidos que podem ser lidos, então, em um texto não estão necessariamente ali, nele. O(s) sentido(s) de um texto passa(m) pela relação dele com outros textos” (ORLANDI, 1993, p. 11).

O sujeito não percebe que os objetos do saber, no processo de formulação, estão constituídos no interdiscurso (o dizível), portanto, mantêm relação com uma memória que é anterior ao sujeito e a sua vontade (intenção) de dizer. Essa memória já existe e compõe uma rede de saberes discursivos e de sentidos que se manifestam (possuem marcas) no gesto de formular. Orlandi (1999) entende o interdiscurso como memória discursiva, ou seja, não como memória psicológica, mas sim histórica. Na definição da analista:

Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra (ORLANDI, 1999, p. 31).

O processo de apagamento apresentado pelo sujeito desencadeia a ilusão de que o sentido não está constituído historicamente. Essa ilusão encoraja o sujeito a perceber-se fonte do dizer e ignorar que o movimento dos sentidos é determinado historicamente.

Essa ilusão, que permite ao sujeito ser indiferente à presença do movimento histórico na construção do discurso, se dá por via de um silenciamento. Na interpretação da autora: “Esse é um silenciamento necessário, inconsciente, constitutivo para que o sujeito estabeleça sua posição, o lugar de seu dizer possível” (ORLANDI, 1996, p. 72).

O silêncio signifiante está sendo referido por nós como parte de um processo, o de formulação. A formulação de um texto, na esfera de produção de leitura na mídia, envolve não só os já-ditos, em uma atualização que está em movimento, como também uma articulação de imagens que se manifesta no objetivo de produção da leitura, como o de despertar o interesse para as questões de leitura formuladas com objetivos determinados em um lugar midiático que significa, (re)produz sentidos.

#### **A pergunta na coluna Sexo e Saúde:**

### um corpus da sexualidade

O nosso corpus de estudo é a coluna S.S do Folhateen, um dos cadernos que vêm encartados no Jornal Folha de S. Paulo, todas as segundas-feiras. O caderno (Folhateen) é composto por doze páginas. O objeto (a coluna Sexo e Saúde), que se constitui como matéria de análise, ocupa a nona página.

Recolhemos vinte e três exemplares do Folhateen, reunidos entre os meses de maio a outubro de 2002. A coleta dos exemplares do Folhateen caracterizou o início de nossa apropriação do objeto de estudo para leitura.

A coluna Sexo e Saúde é assinada por um médico, colunista do Jornal Folha de S. Paulo. Trata-se, descritivamente, de uma seção em que perguntas de adolescentes, enviadas via carta ou e-mail, sobre sexualidade, saúde e comportamento, são editadas (expostas sob a forma de pergunta) e tematizadas pelo colunista.

O médico é o psiquiatra Dr. Jairo Bouer conhecido por seu trabalho na mídia (Rádio, Televisão, Jornal e Internet) falando sobre sexo e saúde para o público dito jovem.

Destacamos em nossa análise, um ponto-chave, como regularidade marcada na coluna, que nos direciona para uma leitura discursiva do corpus: a pergunta. Ela é uma marca textual na coluna e a observação de seu funcionamento figura em uma leitura da sua relação com a produção de efeitos de sentidos.

A pergunta é parte de um processo de formulação que está relacionado a um movimento que é composto por dizeres (já ditos e atualizados) e sujeitos (autor e leitor da coluna). Dizeres e sujeitos estão misturados e a produção de sentidos é dependente desse movimento.

Nossa opção por trabalhar com o plano textual da coluna começa a ser recortado no que chamamos de questões temáticas: os temas desenvolvidos no objeto de estudo. Decidimos por listar os temas centrais abordados na coluna, não selecionando um único tema por edição (o que poderia caracterizar uma espécie de escolha e/ou posicionamento pessoal), mas sim apontando os vários temas abordados (via pergunta) em cada uma das edições recolhidas.

A partir disso, trabalhamos, ainda, em contrastar os temas que partem da pergunta e as variações (ou inclusões) temáticas que a materialidade textual da coluna apresenta. Ou seja, analisamos de que forma as questões abordadas são tratadas e dão margem a outras questões (deslizes de sentido) e qual a ideologia e os sentidos envolvidos nesse processo.

Os temas que compõem a coluna são: uso de preservativos e anticoncepcionais (camisinha e pílula), masturbação, prazer sexual, pedofilia, namoro/paixão, saúde/aparência, comportamento, drogas e cultura. Alertamos que alguns assuntos mais gerais (como prazer sexual, por exemplo) poderiam agrupar outros mais específicos (a masturbação é entendido como um tipo de prazer sexual), mas como, para nós, o mais importante é o modo pelo qual esses temas estão formulados (inclusive quando se repetem), preferimos destacá-los nas suas generalidades.

**A regularidade da pergunta:  
uma marca de oralidade**

O funcionamento da pergunta e sua localização como regularidade marcada nos possibilita refletir sobre o modo de textualizar na coluna, ou seja, o que tal marca tem a ver com a produção de efeitos de sentidos.

Identificamos a pergunta como um indício que relaciona, em sua forma textualizada, uma formulação que reúne, na escrita, aspectos da oralidade. Estamos querendo dizer é que a textualidade da coluna S.S está marcada por um aspecto de informalidade que tange à oralidade. O desprendimento formal do modo de dizer, na coluna, é uma tentativa de tornar ‘natural’ o objetivo de atingir o público jovem, já que este público-alvo é formado por adolescentes e esse coloquialismo, aliado a uma informalidade de expressão, é dito característico desse tipo de leitor.

Entendemos que, dentro de uma visão oportunista de mercado, um artigo para jovens precisa entrar em conformidade com essa imagem de leitor. Assim, a coluna perpetua o modelo de leitor (o que não lê e que assume uma terminologia composta por gírias, por exemplo.) no seu modo de formular, vale entender, a oralidade e a informalidade estão em consonância com um rótulo que banaliza o desinteresse de leitura do jovem leitor.

Ao trabalhar na análise da pergunta, identificando-a como parte de uma formulação marcada por características textuais da oralidade, estamos imbuídos em compreender não o papel da pergunta como característica textual da coluna (o tipo de reflexão que ela pode provocar, ou o significado de sua exposição), mas sim como a produção (formulação) dessas perguntas em diferentes posições – formuladas pelo adolescente com dúvidas, ou formuladas pelo médico e colunista - faz sentido e orienta, para diferentes discursividades, leituras possíveis.

Sendo assim, pensar o percurso da pergunta na coluna (menos como questão que funda a temática, mais como modo de conduzir uma resposta e/ou assunto), direciona a análise para

uma identificação das marcas que, deixadas na formulação, constituem sentidos que ajudam a compor o efeito-leitor.

O efeito-leitor é um efeito de sentido construído essencialmente dentro do processo de leitura, isto é, sua constituição se dá “pela virtualidade da posição leitor inscrita no texto, porquanto este traz em si um leitor idealizado, imaginado pelo autor, e também pelo leitor efetivo com sua memória” (ORLANDI, 2001, p. 67).

A formulação é parte fundamental de nosso trabalho, já que, além de fazer parte do processo de produção do discurso (ORLANDI, 2001), ela guarda, em sua corporificação material, as marcas que nos conduzem ao discurso e ao complexo ideológico que está envolvido no processo de leitura da coluna S.S. Segundo a autora, é na formulação que a materialidade da língua e da história se encontram. A autora afirma:

É na formulação que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde). Momento de sua definição: corpo e emoções da/na linguagem. Sulcos no solo do dizer. Trilhas. Materialização da voz em sentidos, do gesto da mão em escrita, em traço, em signo. Do olhar, do trejeito, da tomada de corpo pela significação. E o inverso: os sentidos tomando corpo. Na formulação - pelo equívoco, falha da língua inscrita na história - corpo e sentido se atravessam. (ORLANDI, 2001, p. 9)

A concepção de formulação, vale dizer, de dar corpo aos sentidos (ORLANDI, 2001) nos conduz a uma direção que entende tal formulação como modo de atualização do discurso. Este modo nos interessa; ele e as condições (circunstâncias) em que a formulação ganha corpo.

#### **A pergunta e o silêncio: os não-ditos que produzem efeitos**

A prática de leitura da coluna S.S. está relacionada com um espaço de produção que inclui dizeres, com sentidos que ultrapassam a esfera textual. Neste ponto, incluímos, em nosso estudo, o trabalho com os não-ditos: o silêncio, “a respiração (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido” (ORLANDI, 1997, p. 13).

Em nossa dissertação, a relação com o silêncio (não-dito) particulariza-se, enquanto busca pelas marcas textuais que constituem o dizer sobre a sexualidade, formulado na coluna S.S. Se estamos trabalhando com os modos de formular um discurso, o da sexualidade, em sua relação com a produção de efeitos de

leitura (feito-leitor), precisamos escutar os não-ditos que fazem (constituem) sentido, a partir do que é textualizado na coluna.

O uso da camisinha nas relações sexuais está sendo visto por nós não como mera temática da sexualidade na coluna, mas como parte de uma discursividade do sexo e das relações sociais. Quando formulado em um juízo de como e quando deve ser usada, traz consigo não-ditos, silêncios que atuam como chamados ideológicos.

Na edição de 22 de julho, a questão abordada refere-se às dificuldades de desempenho sexual com o uso da camisinha. Observemos a questão:

Tenho 24 anos e, muitas vezes, perco a ereção quando uso camisinha. Neste ano, tive dois casos fora do namoro e também tive dificuldade na hora da colocação. Estou muito gordo e não sei se pode ter alguma influência. O que devo fazer? (edição de 22 de julho de 2002).

A pergunta que inaugura a seqüência de desenvolvimento da coluna é seguida por uma resposta que inclui um aspecto ideológico constituído no simbólico. Vejamos o exemplo do anexo 10:

Vamos tentar responder a suas dúvidas e refletir um pouco sobre o que você anda fazendo com seu namoro, certo? (edição de 22 de julho).

Em primeiro lugar, observamos que há uma mostra declarada da discussão moral a respeito da sexualidade, que dá início ao processo de produção de sentidos já no primeiro parágrafo da coluna.

Logo em seguida, a coluna começa a ser textualizada com explicações técnicas – de ordem médica; portanto, autorizada - sobre ereção e as possíveis causas psicológicas do problema da falta de ereção. Observemos o andamento da resposta no recorte citado:

Vários fatores levam um homem a ter problemas de ereção. O fato de você estar conseguindo ter uma ereção normal antes da colocação da camisinha afasta, provavelmente, um problema de causa física. Suas barreiras podem ser o momento da pausa para colocação, a alteração de sensibilidade com o preservativo ou algum bloqueio emocional. (edição de 22 de julho de 2002)

Mais adiante, na seqüência final dos três últimos parágrafos do texto, aparecem as perguntas sobre as relações afetivas do jovem. Quais sejam:

O que são esses casos fora do namoro? Esse é um

acordo explícito com sua namorada, e ela também está liberada para novas experiências? Não? Então o que está acontecendo? (edição de 22 de julho).

As perguntas estão limítrofes à questão formulada no início (sobre a dificuldade de ereção), já que, como parte da exposição da pergunta, há uma descrição das relações que foram mantidas paralelas ao namoro. Observamos, no entanto, que as perguntas que dão seguimento a resposta não são só de ordem médica, de dúvidas sobre o comportamento físico da sexualidade ou de orientação psicológicas, como também relativas a condutas morais, ou seja, uma produção educativa nos moldes de uma ideologia. Há um deslize de sentido que se mostra por um silenciamento não diretamente visível na língua, que desvela o aspecto ideológico da resposta.

Estamos pensando que o deslize de sentido se dá no imaginário, mas a coluna traz marcas que autorizam algumas leituras. O aspecto ideológico que condiciona a uma orientação moral da sexualidade está indicado na coluna. Se a formulação: “Você precisa sacar que, para manter uma relação de qualidade, muitas vezes, a gente tem que abrir mão de alguns desejos, vontades e tentações. Já pensou nisso?” (edição de 22 de julho). Não expõe, em sua materialidade, que a sexualidade deve ser medida sob regras morais, o faz na ordem do simbólico. Há sentidos já postos que apresentasse, na coluna que fala sobre sexo, uma tentativa de regulação da conduta sexual que já existe.

O modo de formular que questiona a conduta do relacionamento afetivo, não deixa de ser de ordem sexual. Entretanto, há um deslocamento das informações educativas sobre a prevenção de doenças com o uso da camisinha e suas corretas formas de utilização. O encaminhamento da resposta está amarrado em não-ditos (de ordem moral) que ressoam como alertas ideológicos - em uma posição autoritária de como deve ser o agir -, mesmo que não estejam sendo ditos diretamente.

Em nosso estudo, o trabalho com o silêncio é postulado na possibilidade do dizer vir a ser outro. Salientamos, entretanto, que “não é tudo que não foi dito, é só o não dito relevante para aquela situação significativa” (ORLANDI, 1999, p. 83).

#### **O que ressoa na coluna Sexo e Saúde: o poder/saber sobre o sexo**

Os dizeres sobre a sexualidade formulados na coluna estão sendo trabalhados quanto à questão das ressonâncias (SERRANI, 1993). O que estamos pensando: o que há na coluna (quais as regularidades) que ressoa como novo – atual - nos dize-

res já estabelecidos sobre a sexualidade?

De acordo com Serrani (1993), uma ressonância só existe na relação com uma paráfrase. A autora explica:

Entendo que há paráfrase quando podemos estabelecer entre as duas unidades envolvidas uma ressonância – interdiscursiva – de significação, que tende a construir uma realidade (imaginária) de um sentido. Ressonância porque, para que haja paráfrase, a significação é produzida por meio de um efeito de vibração semântica mútua. (SERRANI, 1993, p. 47)

No caso de nosso corpus, o trabalho com as ressonâncias torna-se meio (um método) de investigar/compreender a produção de sentidos no dizer parafraseado sobre a sexualidade, na coluna S.S. Além disso, o trabalho com as ressonâncias objetiva, como já foi salientado, procurar as marcas da formulação desse discurso. Os dizeres sobre a sexualidade, na coluna S.S, atualizam-se na formulação e em sua historicidade, tais dizeres ressoam sentidos já existentes. Há uma ressignificação e/ou manutenção do dizer/saber sobre o sexo.

Nossa articulação reflexiva começa a ser instrumentalizada na concepção de poder proposta por Foucault (2001). Ao contrário da visão marxista (ALTHUSSER, 1992), que vê o poder como algo a ser tomado, para Foucault não há um caráter unitário e global

O poder, para Foucault (2001), não está condicionado ao embate físico. A relação de poder difere da de força física, pois pressupõe que o outro tenha liberdade de ação. Para o autor, uma das características do poder é basicamente ser uma ação sobre a ação possível dos outros, na tentativa de delimitar o conjunto de ações do outro. A relação de poder supõe que aquele que está agindo é capaz de fazer outras coisas. Há a possibilidade de liberdade que caracteriza a existência da relação de poder. Enquanto há espaço de ação há tal relação.

Entendemos, portanto, que o poder é algo que se exerce, não que se possui. É uma ação que não age diretamente sobre os outros, age sobre a ação praticada pelos outros.

Essa noção de poder, em Foucault (2001), nos interessa, uma vez que estamos analisando com a produção e a formulação de uma leitura sobre a sexualidade em uma coluna veiculada em um jornal impresso. A noção de poder está engajada, nessa perspectiva, na relação poder/saber na mídia. A característica informativa sobre o sexo é perpassada por uma questão ideológica, em que o poder, o de saber sobre o que está sendo formulado, é parte constituinte do processo de leitura ao qual nos refe-

rimos.

Acreditamos que a função de informadora - que a coluna assume -, está relacionada a um saber/poder sobre o sexo que orienta para alguns sentidos, esta orientação ajuda a constituir um efeito-leitor.

Estamos procedendo a uma leitura que entende a mídia como dona de um lugar na mediação entre o sujeito-leitor e aquilo que dá satisfação a ele. O valor principal da coluna S.S. é o da informação, pois é preciso saber (estar autorizado), para transmitir em uma informação eficaz. O sujeito sabe, acredita que é preciso estar muito bem informado, para poder controlar o risco de algum procedimento e antever os resultados de alguma ação, como um alerta.

O alerta, ao qual nos referimos em nossa análise, está sendo formulado em um objeto considerado como um meio de comunicação. A pergunta, como marca de formulação, está sendo vista por nós como uma maneira de trabalhar o alerta. Como meio de comunicação, a coluna oferece as informações sobre saúde e sexualidade, e sobre como cuidar delas. A relação do poder/saber na coluna S.S. não se exerce pela vigilância, mas pela informação, veiculada no texto que ensina o que o jovem pode fazer, como deve fazer e quanto pode fazer.

Quando consideramos as maneiras de formular como alertas que trazem em si ressonâncias de sentidos estamos pensando no âmbito que inclui o saber/poder sobre o sexo e as regras morais que regem as informações.

Citamos o exemplo do anexo XVI para dar visibilidade à relação entre sexo e responsabilidade. A questão tema é a seguinte:

Tive um envolvimento sexual com uma amiga que está casada. Nossa relação foi ótima mas, quando terminou, percebi que o preservativo havia estourado. Não disse a ela nada para que não se preocupasse. Sei que ela não usa nenhum método anticoncepcional. Minha amiga poderia tomar a pílula do dia seguinte? Como se faz isso? (edição de 9 de setembro de 2002)

O enquadramento moral que se aloja na resposta, logo no primeiro parágrafo, é percebido:

Em primeiro lugar, será que essa história de transar com uma amiga que está casada é uma boa idéia? (edição de 9 de setembro de 2002)

Dos dez parágrafos que compõem o texto da coluna apenas dois centralizam a resposta no tema sobre a pílula do dia seguinte e sua forma de uso, ou fogem à questão proposta. A

partir da formulação da coluna, a resposta está, essencialmente, ligada a sentidos e dizeres de orientação moral e social. Os sentidos ressoam, por exemplo, a condição de que a responsabilidade é determinante na vida social.

Na coluna, percebemos as bases de uma formação discursiva que apregoa que a ação dos sujeitos - seja ela política, profissional... e sexual – devem estar conformadas em um processo de ordenação disciplinado. A irresponsabilidade, a inconseqüência de ação é considerada parte da imagem de adolescência, portanto constituinte da formulação da resposta.

Mesmo não nos descuidando da relação de produção (sujeito-autor) e de compreensão (sujeito-leitor), na constituição da leitura, já que funciona como dispositivo capaz de fornecer dados e fatos sobre o funcionamento do discurso envolvido nesse processo, entendemos ser tal conhecimento parcial. Em outras palavras, nosso caminho de estudo parte do texto, dos traços da formulação, para chegar ao discurso. Todo o saber (interno e/ou externo ao objeto material/arquivo) que estiver nesse caminho, faz-se constituinte, mas não deve figurar como foco principal.

### Conclusão

Partimos em procura das marcas deixadas na formulação da coluna S.S., entendendo ser esse o caminho para mapear a constituição de sentidos neste espaço de leitura e compreender como se constitui o efeito-leitor no lugar de interpretação da coluna.

Direcionamos nossa leitura analítica pela margem de relação entre a descrição e a interpretação (deslizes de sentidos) dos modos e das condições em que o dizer sobre sexo, na coluna S.S., está inscrito. Dessa forma, recortamos a regularidade da pergunta (marca textual) como elo material que nos dá indícios, no interior textual, do exterior discursivo. Esse processo de observação do funcionamento da pergunta é mediado pelo simbólico, pelo que está e não está dito, mas que, dentro de uma formação ideológica, produz efeitos de sentidos.

Consideramos o espaço da mídia, em que a coluna está materializada, enquanto lugar de reprodução ideológica dos modelos de comportamento sociais, de dizeres e de sentidos que já contemplam uma discursividade do sexo, pois a mídia não inventa sentidos para serem veiculados sob um interesse ideológico determinado. O que marca a produção de leitura na coluna S.S. é a atualização dos sentidos já postos e da ideologia formadora

dos dizeres da sexualidade.

A maneira de tratar as questões ditas sexuais na coluna S.S., está na fronteira de uma conduta ideológica de consumo, dentro da moral. Essa conduta é demarcada, não só em sua formulação textual, mas também em uma esfera de não-ditos significativos que ressoam, mesmo em uma roupagem escrita que parece flexível e não autoritária. Há chamados de uma ideologia moralizante que está em conflito com a perspectiva de abordagem do sexo como questão de saúde.

A instrumentalização do sexo (use isto, faça aquilo) e a banalização das suas questões (a mistura do sexo com prazer, saúde, sentimentos e valores morais e políticos), impressas nas formulações de comportamento que envolvem a sexualidade, na textualidade da coluna, minimizam o espaço de reflexão informativa. Tudo parece óbvio, menos por haver uma razão pragmática para que alguns sentidos sejam 'naturais', mais em razão do lugar em que os dizeres são formulados, visto que eles são constituídos na relação sócio-histórica que determina as evidências de sentidos.

Há um dizer que informa e, ao mesmo tempo, permite-se a reafirmar conceitos, ações, padrões sociais de comportamento ligados a uma ideologia de elite. Nesse viés de sentidos e formação discursiva, a leitura da coluna S.S. ganha corpo. Se existem dúvidas sobre o corpo, o sexo e as manifestações sexuais, pois tais dúvidas, não só na adolescência, fazem parte de um processo de conhecimento, a coluna difunde: procure um terapeuta, fale com um médico. Essa é a ideologia do consumo, das soluções rápidas e práticas, com a pretensão de ser a difusora de uma educação sexual, talvez o objetivo não seja informar sobre as dúvidas de sexo comuns aos jovens, mas perpetuar as idéias, os padrões do sexo e seu papel social de regulação.

A coluna S.S. pretende ser objeto de leitura, consumível. O consumo dessa leitura está fundamentado em um modo de formular que se legitima na liberalização informativa de um saber: o do sexo. A pergunta não é respondida. No entanto dá margem a novas questões que não nos deixam esquecer (nos alertam) a necessária disciplina moral e cristã marcadas em nossa cultura (mesmo para aqueles que não estão diretamente agregados religiosamente ao cristianismo). Esta disciplina ressoa seus dogmas na formulação que se diz resposta, reproduzindo a pretensão de nossa sociedade, pois confirma papéis e lugares sociais, diz o que é melhor ou pior em relação à sexualidade e desconsidera a possibilidade de discussão.